

jornal de apostolização infantil. E é em tal mundo de negócios utópicos, baseados numa fortuna, herdada por acaso, que todos os *renovadores* de Veríssimo encontram apoio material!

Esses *reformadores* são apenas pessoas altruístas, sem grandes problemas individuais, comprazendo-se numa apagada mediocridade e fazendo a apologia dos pequenos prazeres domésticos e da realidade oficial (pág. 254: — «*Os senhores nem podem imaginar que bênção de Deus é ter nascido no Brasil...*»; e pág. 179: à mesa, quando Vasco voltou da guerra, — «*Come Vasco — diz Clarissa com doçura — Precisás engordar. O Valharim está tão gostoso...*» *Belas palavras, grandes palavras.* Etc...). Cada um busca «satisfazer as suas inclinações da melhor maneira possível sem ferir os outros (pág. 246); é uma atitude muito comodista, a tradução do «deixai-me viver» da reivindicação suprema acima atribuída, ao pequeno-burguês, que poderia levar até à aceitação daqueles que o próprio autor condena. De resto, contentam-se todos com declamações de *humanitarismo* que se dissolve na compreensão de tudo e numa bondade abrangendo todos, com inquietações religiosas que terminam sempre pelo clássico encontro de Deus no fundo da alma humana.

A primeira metade de «*Saga*» decorre na Espanha, durante a guerra civil, onde Vasco Bruno vai combater para satisfazer um desejo de aventura. O carácter particular da guerra de Espanha nem de longe se depreende das páginas que Veríssimo escreveu. O conflito, com a sua coorte de tragédias reais, que se avoluma através de obras intensamente vividas como as de André Malraux e Ramon Sender, serve, para Veríssimo, apenas de pretexto a exercícios literários, fonte fecunda de temas a explorar. Colocado em frente da realidade, quando tem ocasião de se manifestar con-

cretamente, o «*humanismo*» pequeno-burguês, com todas as suas declamações soa a óco; porque, como afirma o grande escritor citado, «*ele é ainda capaz de clamar um pouco em favor da pessoa humana, mas perfeitamente indiferente aos sofrimentos das massas*». Erico Veríssimo, em vez de nos apresentar, vivendo-a, a tragédia de Espanha, procura dá-la antes através de alguns combatentes como Vasco — «*os raros, os estranhos, os misteriosos, os que não vivem de acôrdo com uma rígida fórmula doutrinária*» (pág. 45).

Garcia, um chileno, aparece na guerra porque sonha com as proezas de D. Quichote. Brown vai para evitar (?) bombardeamentos aéreos. Green por uma questão de boémia cosmopolita, etc. E o escritor perde 160 páginas, perfeitamente dispensáveis, do seu livro, a descrever pormenorizadamente (com um realismo de pormenor deformador da realidade global) o que há de comum a todas as guerras modernas: massacres, trincheiras, bombardeamentos, hospitais, miséria, horrores. A experiência que lhe deu a luta chama Vasco estranhamente a sua «*reeducação sentimental*». Estranhamente porque o Vasco que volta da Espanha é o mesmo que para lá foi, sem perder nenhuma das suas características; continua vagamente original e apenas troca um irrequieto anseio de aventura por um maior conformismo, mais apêgo ao conforto e à terra.

«*Saga*» é portanto uma obra em que não se acentuam as qualidades e transparecem agravadas as limitações que Erico Veríssimo revela nos outros seus romances. O humanismo concreto é incompatível com a divisa social de que «*sempre assim foi e sempre assim há-de ser*». É a dignificação da vida e o conhecimento e melhoramento da condição humana não são questões apenas de «*boas intenções*»...

## R A U L S E Q U E I R A

